

BÉ-MALAI:
**MITO E RITO PRESENTES NA NARRATIVA
DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO KEMAK,
DISTRITO BOBONARO, EM TIMOR-LESTE**

*Maria Barreto**
*Simone Michelle Silvestre***

De maneira geral, e antes da chegada dos missionários portugueses, no século XV, os timorenses dos diversos grupos etnolinguísticos já narravam histórias mitológicas repletas de seres animados e/ou inanimados sagrados, motivadores, em certos casos, da concepção, da institucionalização e da realização de cerimônias rituais diversas.

Ainda hoje, existem vários tipos de mitos e ritos em casas tradicionais, no cume da montanha, nas árvores, nas fontes de água, assim como em outros lugares, habitualmente, tidos como sagrados pela cultura timorense.

O grupo etnolinguístico Kemak da comunidade de Aidabaleten acredita que as fontes de água possuem donos, por isso não jogam dejetos e resíduos, não cortam as árvores e não apanham as plantas dos arredores, porque tais ações podem causar danos à sociedade local. Além disso, conforme a crença da região, não se deve furtar as coisas guar-

* Professora da UNPAZ (Universidade da Paz) em Timor-Leste.

** Mestre em Educação pelo grupo ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita - da Faculdade de Educação da Unicamp.

dadas em uma fonte de água, correndo-se o risco do castigo ser a morte por um relâmpago. Apesar destas prescrições, os conflitos, ainda assim, não eram raros, existia a poluição da água e, algumas vezes, acontecia a erosão no local sagrado.

Atualmente, embora a maioria dos timorenses siga a religião católica, observa e cumpre, frequentemente, regras ou leis tradicionais enunciadas em certos mitos sagrados. Por exemplo, em alguns sucos,¹ um ladrão não se atreve a furtar o que quer que seja esquecido em uma fonte de água, convicto de que pode ser atingido por um relâmpago, uma vez que a fonte de água é tida como lugar dotado de vida e espírito.

Em outras situações, caso haja uma estação seca prolongada que afete o fluxo de água nas fontes, e ainda hoje é assim, os anciãos abatem animais sanguíneos para cerimônias rituais na fonte original e, dessa forma, penitenciam os erros cometidos pela comunidade.

Para os diversos grupos etnolinguísticos de Timor-Leste, as histórias tradicionais de expressão oral são relatos produzidos pelos seus ancestrais e reatualizados pelos contemporâneos, com vistas à transmissão de informações diversas, desde a sua origem familiar ou social, ao reconhecimento de certas áreas territoriais, passando pelo ensinamento de valores considerados fundamentais para as gerações futuras, aliás, à semelhança de grande parte das histórias de tradição oral, em geral, de outras comunidades espalhadas pelo mundo.

Apesar de se verificar, por razões diversas, a dispersão de pessoas da mesma família por diferentes distritos e/ou regiões, o fato de compartilharem e de se reconhecerem em determinadas histórias tradicionais faz com que possam manter a memória de uma determinada ascendência.

Essa estratégia, de algum modo, preserva a unidade identitária e familiar do próprio clã, nas diversidades de espaços e tempos, assim como a das pessoas de outras ascendências, grupos e/ou culturas. Elas podem reconhecer as suas origens, levá-las consigo na linhagem do relato oral dessas histórias para outros lugares, para outros tempos.

¹ Conjunto de aldeias que constitui uma divisão administrativa de Timor-Leste.

Importante informar também que, antes da chegada dos portugueses, a demarcação de certas áreas territoriais ocorria, muitas vezes, pela reiteração de determinados mitos tradicionais sagrados, que descreviam a definição das suas fronteiras, funcionando, assim, como o registro memorial, ou seja, a “conservatória” dos limites espaciais de uma aldeia ou suco (subdistrito e distrito). Há de se destacar que algumas das demarcações territoriais datadas dessa época têm-se mantido até hoje.

Sabe-se que muitas fontes de água, sejam rios, ribeiras e lagoas, foram definidas e demarcadas em território timorense de acordo com as narrativas de tradição oral das linhagens anteriores.

No caso de *Bé-Malai*, segundo o mito narrado pelo ancião do suco de Aidabaleten, a posse da lagoa pertence ao subdistrito de Atabae, uma vez que os seus antepassados trouxeram a água de uma fonte sagrada de Corlúli, subdistrito de Maliana.

Porém, a versão escrita de *Bé-Malai*² diverge da oral, apresentada pelo ancião local, uma vez que a posse administrativa, no texto escrito, pertence a Balibó. Aqui, já é possível verificar os desencontros entre a versão mitológica tradicional do nativo local e a do estrangeiro:

Bé-Malai – Lagoa na costa norte da Província, na área do posto administrativo de Balibó e a pouca distância do antigo comando militar de Batugadé, encostado à fronteira, sobre a praia. Paralela ao mar, de que pouco vista e que a invade nas marés vivas, tem dois quilómetros de extensão e cerca de um de largura. Do lado da terra e até às montanhas que se levantam ao sul, emolduram-lhe as margens tufos compactos e sempre verdes da vegetação típica dos terrenos costeiros, alagados de Timor – vegetação que ao longo da costa norte, invade, de onde em onde, o próprio mar com um vico autenticamente tropical.³

As versões que surgem a respeito de um mesmo mito apontam

² Publicada pelo Padre Ezequiel Enes Pascoal, no século XX, mas recolhida, sem informação exata do ano, por Isaac dos Reis, professor catequista, durante muitos anos, em Balibó, onde fica *Bé-Malai*. Lá recolheu esta narrativa com Evaristo, de Ró-Métan, em Mânu-Sa'e, no posto administrativo da Hatolia, homem que, embora batizado, viveu o paganismo e era, na região, um dos mais versados em tradições e lendas.

³ Ezequiel Enes Pascoal, *A alma de Timor vista na sua fantasia*, Braga: Editora Barbosa & Xavier Ltda, 1967, p. 79.

para os desacordos entre a posse do lugar sagrado nas comunidades locais, sendo que, muitas vezes, tais diferenças culminaram em disputas sangrentas entre os moradores das localidades de Atabae e Balibó.⁴

Apesar das divergências entre as delimitações, sempre houve a presença de rituais festivos comunitários que marcam a iniciação da pesca nas águas sagradas. Após as disputas, a harmonia e os espíritos da partilha e da festividade reinam entre todos:

Todos os anos, no pino do verão, realiza-se uma grande pescaria em *Bé-Malai* em cujas águas fartas em peixe e camarão, se alapardam crocodilos. Depois de espectacular estílu, feito na margem, em que se abate um búfalo e um porco e que evoca uma das lendas tecidas à volta da lagoa, invade-a grande número de beiros⁵ e de gente vinda das regiões vizinhas, munida de garrafas, de custos, de cestos, de varapaus – de tudo quanto sirva para a pesca nas suas águas pouco profundas. Entretanto,

⁴ Durante o trabalho de campo, a pesquisadora timorense, pertencente também à região de Bobonaro, conheceu um nativo que morava em Atabae, mas que mencionou não ter autorização para contar episódios sobre a lagoa, porque era um dos genros dos ancestrais que foram buscar a água na fonte sagrada em Corlúli, Maliana. Caso contasse, poderia sofrer algum tipo de punição dos antepassados, como, por exemplo, um acidente a si próprio, ou a alguém da família. Segundo a crença, a narrativa tem poder mágico, portanto, somente deve ser feita por ancião autorizado, como também em um lugar específico. Diante dessa situação, a pesquisadora pediu-lhe que apresentasse a pessoa autorizada a narrar o mito. O nativo mencionou que o seu cunhado, conhecido como Leonito-Bau, da casa sagrada de Pás-Laran, suco Aidabaleten, distrito Bobonaro, tinha o direito de contar a narrativa. Foram juntos ao local onde morava o ancião e a pesquisadora teve de preparar os objetos que seriam oferecidos aos antepassados daquela comunidade, porque, segundo a tradição local, antes de narrar um acontecimento envolvendo os antepassados, é necessário a autorização por meio de oferendas como cigarros, cestinhos de palha e uísque. O ancião já esperava a pesquisadora na aldeia, onde ela gravou a versão oral em língua kemak. É importante destacar que o ancião, com idade avançada e, a todo o momento, acompanhado do genro, contou alguns acontecimentos em Bé-Malai, não narrando o final do mito, disse tê-lo esquecido. Devido a esses problemas, a pesquisadora optou por analisar apenas a versão escrita, publicada por padre Ezequiel E. Pascoal. Após a tentativa do recolhimento do mito, ela tirou fotografias da lagoa cheia, na companhia do chefe e do vice-chefe da aldeia e do catequista daquela comunidade. Antes das fotografias, eles falaram monologicamente aos donos da água, segundo a comunidade, um casal de crocodilos, para pedir autorização para a presença dos que estavam no local e para as fotos. Embora tivesse sentido medo de se aproximar da fonte, todas as sensações desagradáveis e os pensamentos negativos perderam forças e ela conseguiu tirar as fotografias do local. Já os de Balibó se negaram a oferecer qualquer informação a respeito da versão oral sobre *Bé-Malai*.

⁵ Embarcação constituída por um tronco único, escavado e movida por dois, quatro, seis ou até oito remos, conforme o seu tamanho. Usa dois flutuadores de bambu, presos na extremidade de dois paus transversais, distantes entre si dois a três metros.

ao longo das margens enfeitadas, reina enorme bulício, come-se e bebe-se, rodopiam batuques, de dia e de noite, a luz de fogueiras, e há combates de galos entre tremenda algazarra. (...). As lendas de *Bé-Malai*, ou em que a lagoa figura, dizem até que ponto ela impressionou, sempre, a imaginação popular. *Bé-Malai* – água estrangeira.⁶

Percebe-se que o habitante rural é especialmente fiel aos mitos relacionados com a sua ascendência, direta ou comunitária. Continua a adorar o *lúlik*,⁷ faz a invocação aos seus antepassados quando se confronta com certas dificuldades, utiliza *hamulak*,⁸ ou seja, poéticas tradicionais, com o abate de animais para compensar atitudes negativas, ou mesmo, penitenciar-se. Comparativamente com a sociedade urbana, o conflito interior pode vir a ser menor, dadas as estratégias e os hábitos que tem para se expressar e compensar por via externa.

Geralmente, as narrativas mitológicas são valorizadas como fontes de referências éticas e morais, quer como eventuais normas de regulação de certas atitudes e comportamentos, quer como forma de consolidação e resolução de conflitos na união familiar ou do clã.

Embora o texto mitológico analisado pareça incrível e incongruente para a atual sociedade moderna, tem, certamente, muito a dizer e a ensinar às futuras gerações. Além de salvaguardar uma forma especial de sabedoria dos antepassados, uma vez que as histórias dispõem de dispositivos simbólicos importantes, para nos ensinarem a entender algumas verdades, a legitimação de uma ordem e os conflitos geracionais presentes na vida cotidiana dos timorenses.

Mito e rito em *Bé-malai* e outras fontes sagradas para os kemak de Aidabaleten

O grupo do subdistrito de Atabae acredita no mito *Bé-Malai* e o celebra, de maneira que a transmissão das tradições ancestrais, a explicação da origem do clã, o ensinamento de valores éticos e as leis da comunidade

⁶ Pascoal, *A alma de Timor*, p. 80.

⁷ Em língua tétum significa sagrado.

⁸ Espécie de oração para mitigar a dor, palavras proféticas e milagrosas.

local para o funcionamento do grupo e para a demarcação de terras e fronteiras sejam passadas para as gerações futuras.

Segundo a versão oral do chefe da casa sagrada Pás-Laran, chamado Leonito Bau, nativo do suco Aidabaleten, uma vez por ano, na estação da chuva, o mar invade a lagoa, trazendo muita variedade de peixes. As águas do mar entram pelo que é conhecido como cauda de *Bé-Malai*, que se situa perto do mar, subindo ou transbordando até as partes do solo da lagoa, que, antes da cheia, estão quase sempre secas. Quando o solo já está encharcado de água, as areias fecham a cauda da lagoa, e, nessa época, a comunidade não está autorizada a pescar livremente.

Um ancião, considerado um dos possuidores, residente da aldeia Rau-Lelo, próxima à lagoa, tem o dever de controlá-la e vigiá-la. Ele é o responsável por avisar aos outros de Aidabaleten o momento da cheia da lagoa, normalmente entre os meses de agosto ou setembro, para que a cerimônia ritual, a ser realizada antes da pesca, seja iniciada com o abate de um porco em um sítio chamado *Mau-Eruk*, considerado pela comunidade como “parte da cabeça da lagoa”, e um búfalo, onde é denominado como “a cauda de *Bé-Malai*”.

As autoridades do suco de Aidabaleten declaram que, quando se inicia a invasão das águas do mar na lagoa, existe um peixe grande, proveniente de *Bé-Malai*, que aparece no mar de Alor, um dos distritos da província de Nusa Tenggara Timur, Indonésia, onde se acredita que um dos irmãos do ancestral refugiou-se. Através desse acontecimento, os que residem na Indonésia sabem que o mar invadiu, mais uma vez, a lagoa *Bé-Malai*, e já podem abater o peixe e consumi-lo, ao mesmo tempo em que realizam também a cerimônia ritual, segundo a tradição cultural dos seus antepassados.

Antes da pescaria em *Bé-Malai*, os anciãos de Atabae têm de convidar os de Balibó para celebrarem o ritual em comunhão, caso contrário os peixes grandes desaparecerão e, se os apanharem, serão apenas os bem pequenos. Se alguma pessoa da comunidade de Balibó for pescar antes da cerimônia ritual, ou seja, sem a autorização dos anciãos de Atabae, os crocodilos atacam-lhe imediatamente.

Os anciãos autorizados evocam o dono da terra, *rai-na'in*, e o dono da água, *bé-na'in*, permissão para o início da pesca na lagoa *Bé-*

Malai. Depois de ter feito a cerimônia ritual, durante três dias e três noites, os anciãos não podem tocar a água nem lavar as mãos, evitando-se o desaparecimento dos peixes. Cumpridas todas as fases do ritual, autorizam as pessoas a pescarem, porém, em sinal de respeito, as primeiras serão as autoridades Kemak.

As versões a respeito de quem é o verdadeiro dono da lagoa são muito frequentes, ocasionando, muitas vezes, disputas e desacordos entre os de origem Kemak que vivem em diferentes lugares.

Segundo os representantes Kemak da comunidade de Balibó, eles também têm direito à posse da lagoa, uma vez que o sítio onde está localizado *Bé-Malai* faz parte da aldeia de Palaca, suco Sanirin, bem como, antigamente, antes da invasão do mar em *Bé-Malai*, eram os antepassados de Balibó que moravam lá, chegando a construir uma casa sagrada denominada *Fatuk-Laran*. Normalmente, ainda hoje, os anciãos da casa sagrada *Fatuk-Laran* estão autorizados a realizarem cerimônias rituais no altar sagrado, *bosó*, daquele sítio, dando oferendas de arroz descascado inteiro e pedaços de carne aos crocodilos, pois os consideram espíritos de seus antepassados.

O ancião de Aidabaleten afirma que um dos antepassados que se refugiou em Balibó, quando sucedeu o evento trágico em *Bé-Malai*, era o irmão mais novo da sua comunidade.

De acordo com a tradição cultural da comunidade de Balibó, os irmãos mais novos têm o dever de respeitar os mais velhos, portanto os seus descendentes não devem reagir ao que os de Atabae têm determinado de acordo com a tradição.

Nos dias atuais, a pescaria no *Bé-Malai* tem como objetivo reunificar os descendentes do clã, estabelecendo uma relação de amizade entre as várias regiões, em sinal de paz.

O grupo Kemak acredita que a estação seca prolongada é um castigo dos seus antepassados, portanto, os anciãos abatem alguns animais da mesma família sanguínea para efetuarem uma cerimônia ritual de penitência na fonte sagrada de Corlúli, em Maliana, “origem de *Bé-Malai*”. Também acreditam que, na fonte de Maliana, vive um casal de crocodilos, considerado dono da água, *bé-na'in*, que, às vezes, se transforma em ser humano de cor branca e cabelo loiro.

É proibido cortar qualquer planta da fonte sagrada, ainda que seja para utilizar as lenhas no preparo de qualquer alimento. Se alguma pessoa desmatar os arredores da fonte, recebe como sanção a obrigação de doar um búfalo, dar uma saca de arroz e uma caixa de uísque, utilizados na cerimônia ritual pelos anciãos para pedirem perdão ao dono da água da fonte. A seguir, as pessoas comem reunidas nesse local, pendurando o crânio do búfalo em uma árvore sagrada designada *kíar*, situada na margem da fonte.

Além da fonte sagrada de Corlúli, em Maliana, os Kemak costumam frequentar outras e nelas fazem rituais. No subdistrito da aldeia de Koitapo, Aidabaleten, há uma fonte denominada *Mate-Nu'an*, em língua Tétum, *Mate nia Kanuk* (“Ninho/lugar dos defuntos”), onde, na estação de chuva, aparecem muitos camarões e enguias.

De acordo com a tradição, as pessoas não os podem consumir, pois é possível tanto ocorrerem perturbações psicológicas, que acabam levando a pessoa à loucura, como, também, causar a morte da grávida que tomar banho ou pegar água da fonte.

Outro sítio comum aos Kemak encontra-se no suco de Hatáz, com uma fonte chamada *Bea-Hóm*, em língua Tétum, *Bé Dois*, “Água que cheira mal”. Essa água tem um odor desagradável, mas é considerada milagrosa por curar a febre. Nessas fontes, as pessoas também não cortam as árvores, porque tudo ao seu redor é considerado um elemento sagrado e da posse de algum ancestral.

Corpus de análise: *Bé-Malai*, versão original por Padre Ezequiel Enes Pascoal

Loho-Rai, natural de Bé-Hali e casado com Nona-Bica, filha do liurai de Cová, estabeleceu-se na região onde é, hoje, *Bé-Malai*.

Teve sete filhos. Seis ocupavam-se nos trabalhos da horta.

Bíli-Loba, o mais novo, preferia dar-se à caça, apesar de os pais não gostarem. Todos os dias, à tarde, ao voltar para casa, sujava-se, propositalmente, de terra, e sujava também, a catana,⁹ para que, apresenta-

⁹ Vestimenta de trabalho.

do-se sujo, como os irmãos, parecesse que tinham andado a trabalhar juntos. Mas, ou por suspeita, ou porque os irmãos o denunciasses, o pai foi, um dia, à horta, de surpresa, para se certificar se ele trabalhava, de fato. Não o tendo encontrado com os irmãos, embrenhou-se no mato. Surpreendeu-o a caçar sem que ele desse por isso.

À noite, para o castigar por essa razão a mãe pôs-lhe fezes no prato, debaixo da comida. Ao dar por isso, o rapaz chorou de raiva, e foi morar só, em Quíli-Bai, na base do monte Samono, por cima de *Bé-Malai*.

Não teve outro remédio senão fazer uma horta onde cultivava, de preferência, areca¹⁰ e bétel,¹¹ devido à abundância de água que havia no local. Entretanto, casou-se. Depois de se ter casado, dedicou-se à pesca, no mar. Trocava por gêneros o peixe grado que apanhava. Ora, sucedeu que um peixe, de peso invulgar, se lhe prendeu, um dia, no anzol. Tentou puxá-lo para a terra, mas debalde, porque rebentou a linha.

Em virtude de semelhante infortúnio, voltou para casa tão triste que não dormiu nessa noite. Perdera o seu ganha-pão. Não arranjaría, tão cedo, outro anzol igual. Para maior desgraça, notou, de madrugada, que alguém lhe roubara areca e bétel.

Na noite seguinte, pôs-se à espreita a ver se descobria o ladrão.

Não apareceu ninguém. Apenas uma cacatua¹² pousou, ao amanhecer, numa arequeira e se transformou – com grande espanto seu – num homem que roubou, à vontade, quanta areca e bétel quis, convencido de que não estava a ser visto. Cautelosamente, Bíli-Loba aproximou-se dele o mais que pôde.

Num tom irado, mandou-o descer, sem demora, caso contrário, atravessá-lo-ia com uma flecha. O homem desceu.

– Daqui não sais enquanto não me pagares a areca e o bétel que me roubaste.

O ladrão, agarrado, firmemente, por Bíli-Loba, vendo que não podia fugir, acabou por lhe dizer:

– Não roubei para mim. Roubei para a rainha que está gravemente ferida e precisa de areca e de bétel para se curar.

– Mentas! Enquanto não me pagares, não sais daqui.

– Se não me acreditas, vem comigo até a casa da rainha.

¹⁰ Fruta de uma espécie de coqueiro que os timorenses utilizam nas cerimônias rituais e também mascam, misturando com bétel e cal.

¹¹ Planta trepadeira, cujas folhas são usadas para mascar, misturando com areca e cal.

¹² Pássaro branco com um leque de plumas amarelas coroando-lhe a cabeça.

Bíli-Loba concordou em ir, mas levando-o preso. Partiram os dois em direção à praia.

Quando lá chegaram, o ladrão disse a Bíli-Loba:

– Fecha os olhos.

Bíli-Loba fechou-os. Momentos depois, o ladrão disse-lhe, outra vez:

– Abre-os.

Quando os abriu, viu-se em casa da rainha, cercado de gente que acor-rera, com remédios para curá-la, mas sem efeito. Convidado a tentar, também, alguma coisa que lhe pudesse dar alívio, Bíli-Loba aproximou-se e verificou que ela tinha um anzol na garganta, nada mais, nada me-nos do que o seu, perdido, dois dias antes no mar.

No intuito de recuperá-lo, Bíli-Loba afirmou, com decisão:

– Posso curá-la, *ná'in fetó*.¹³ Vou ali fora buscar um remédio e já volto.

No regresso, recomendou que o deixassem só com a paciente, de con-trário o remédio não seria eficaz. Livre de olhares curiosos, tirou o anzol, com tanto jeito, que ninguém, nem mesmo a rainha, o viu. Mostrou-lhe, a seguir, um espinho de palapeira,¹⁴ que trouxera do mato, dizendo:

– Eis, *ná'in fetó*, o que tinha na garganta e a fazia sofrer tanto.

A rainha sentiu-se logo tão boa, que se pôs a falar e a comer.

As suas primeiras palavras foram para garantir a Bíli-Loba que lhe daria, em paga, quanto quisesse e pedisse. O *liurai*¹⁵ nem esperou que ele pedisse. Mandou dar-lhe, imediatamente, arroz com leite.

Bíli-Loba que, desde a infância, nunca mais bebera leite, gostou muito.

Em face disso, o *liurai* e a rainha disseram-lhe:

– Volta para Quíli-Bai e faz lá sete currais, cujo tamanho vá aumentando, gradualmente, de modo que o sétimo seja o maior.

Muito satisfeito com a incumbência, Bíli-Loba viu-se, de repente, na praia, pelo mesmo processo maravilhoso que o levara à *cadúnan*.¹⁶ Daí, seguiu para Quíli-Bai, onde trabalhou, afanosamente, na preparação dos sete currais. Depois de concluídos, desceu à praia para ir comunicar ao *liurai*. O mesmo homem, que lhe roubara a areca e o bétel, estava lá à sua

¹³ Em língua Tétum, significa rainha.

¹⁴ Espécie de palmeira de que se extrai a tuaca e uma das várias espécies de palmáceas que abundam naquela região de Bé-Malai e em todo o litoral da ilha de Timor. A comunidade local tem utilizado as folhas de palmeira, atando nas pernas quando se desloca para alguma lagoa ou rio, pois os crocodilos não podem com elas, aparentemente o cheiro dessa planta, considerada venenosa, dificulta a respiração deles.

¹⁵ Chefe de um suco timorense.

¹⁶ Denominação dada à casa do *liurai*, ao palácio real; à residência de um chefe.

espera. Voltou a dizer-lhe, com breve intervalo, que abrisse e fechasse os olhos. Bíli-Loba assim fez. Encontrou-se, num momento, diante do *liurai* e da rainha que lhe falaram assim.

– Agora, que já tens os currais feitos, volta a Quíli-Bai. Faz dois cestos grandes de acadiro.¹⁷ Enche um de feijão e deixa o outro vazio. Antes de nascer o sol, coloca um à direita e outro, à esquerda da entrada do primeiro curral, que deve ficar aberto, bem como os outros seis. Aparecerão, pouco depois, búfalos sem conta. Cada vez que entrar um no curral, deita um feijão do cesto cheio no vazio. Quando se acabar o feijão, acabam-se os búfalos.

De novo em Quíli-Bai, do mesmo modo e pelo mesmo caminho das vezes anteriores, Bíli-Loba tudo executou, durante a noite, conforme as instruções que recebera. Ao romper da aurora, ouviu, ao longe, um ruído enorme que se ia aproximando e aumentando, como se uma tempestade, vinda do mar, sacudisse, a toda a volta, o palmeiral imenso. Eram os búfalos, com certeza. Não tardou que aparecessem e comesçassem a entrar, um por um, nos currais, sem que ninguém os conduzisse, durante muitas horas – tantas quantas foram precisas para que se esvaziasse o cesto do feijão.

Quando já só faltava um grão, o maior de todos os búfalos, o sétimo, entrou no curral. Os seus longos chifres roçaram, com estrondo, na entrada. Os sete currais estremeceram. As portas fecharam-se por si. A mulher de Bíli-Loba e uma criada, de nome Bau, recolheram os cestos e o feijão que passaram, daí em diante, a ser *lúlics*.

Não havia, agora, nas redondezas, pessoa em que tanto se falasse nem que fosse tão rica como Bíli-Loba. Os irmãos foram, por isso, à sua procura. Obrigaram-no a dar-lhes os búfalos todos, alegando que, na qualidade de mais velhos, eles lhes pertenciam. Como não cedessem perante a sua insistente recusa, Bíli-Loba viu-se forçado a deixá-los levar, mas dirigiu-se logo, para a praia, decidido a queixar-se aos seus benfeitores. Como das outras vezes e com o auxílio do mesmo homem, encontrou-se, num abrir e fechar de olhos, na *cadúnan*. Informado da extorsão, o *liurai* disse-lhe:

– Vai. Faz um beiro. Quando estiver pronto e escondido, de modo que ninguém o veja, vem dizer-me.

¹⁷ Palmeira de que se extrai espécie de vinho, conhecido como tuaca, e uma das várias espécies de palmáceas que abundam em todo o litoral da ilha.

Executado o trabalho, com todas as precauções para que ninguém desse por isso, Bíli-Loba foi informar o *liurai*, com o auxílio do mesmo emissário. Não voltou logo para casa, como das outras vezes, porque, no dia seguinte, iria, por vontade do *liurai*, a Cor-Lúlic-Bau-Sai – fonte sagrada da Maliana – no séquito da rainha que também ia, pois tinha lá o filho primogênito.

Ao amanhecer, já estavam todos na praia, dentro da água, transformados em crocodilos, exceto Bíli-Loba, que foi levado por uma ordenança da rainha, também crocodilo como ela.

Chegados à Lóes, subiram-na e, depois, a Bé-Bai, até a confluência da mesma com as águas da fonte Cor-Lúlic-Bau-Sai. Dali, até encontrarem o primogênito da rainha, foi pequena a distância.

A rainha disse:

– Acabas de ver o meu filho. Agora, vai. Traz a tua filha Colo. Quero que os dois se casem.

Mas temendo qualquer fraude, dada a relutância que leu no rosto de Bíli-Loba, a rainha acrescentou:

– Se a jovem que trouxeres for, de fato, a tua filha, a água da fonte, ao senti-la perto, há de erguer-se em altos cachões de espuma. Se não for, continuará a correr na mesma.

Como sempre, Bíli-Loba viu-se, num abrir e fechar de olhos, em Quíli-Bai.

Transmitiu a mensagem a Nona-Bica, mãe de Colo, que a recebeu indignada.

Não lhe agradava tal casamento. Não queria, por nada, que a filha fosse. Tanto disse, tais razões aduziu que Bíli-Loba se resignou a levar, em vez dela, a criada Bau, mas reluzente de brincos e pulseiras de prata e de ouro. Pendiam-lhe do pescoço, a cruzar-se sobre o peito, ricos e vistosos cordões de *mutissala*.¹⁸ Pentes, recamados de prata realçavam-lhe o cabelo, negro como ébano. O *sabúlo*,¹⁹ que lhe subia até acima dos seios, onde se ia prender, era obra das mais hábeis tecedeiras. Ao vê-la,

¹⁸ Conhecido como *Mor'têen*, em Tétum. Colares feitos com certa variedade de coral e trazidos de fora por malaios e chineses. Com eles se enfeitam os nativos – homens e mulheres, indistintamente – quando usam os seus trajes regionais. É grande o apreço em que são tidos os *mor'têen*. Entram nas transações dos casamentos. Chegam a valer doze e mais búfalos, conforme o seu tamanho e qualidade. O seu valor é apenas estimativo e não intrínseco.

¹⁹ Saia, de várias cores, usada pelas mulheres nativas e tecida, na ilha, em teares domésticos rudimentares.

assim – pensava Nona-Bica – até as águas da Cor-Lúli-Bau-Sai se deixariam iludir.

Recebida, com agrado, pela rainha e seu séquito, Bau tirou, em mais de um sítio, água da fonte. A corrente continuou a deslizar, fresca e límpida, sem que a encrespasse um só floco de espuma. A rainha censurou Béli-Loba pelo logro e disse-lhe:

– Volta e se não trouxeres a tua filha Colo, a tua queixa contra os seus irmãos não será atendida.

Apesar de toda a oposição da mulher, Béli-Loba teve de levar Colo e de tal modo adornada que nunca a rainha nem o seu séquito tinham visto formosura igual, envolta em tamanho esplendor de atavios. O príncipe, primogênito da rainha, acompanhou-a até a fonte. Mal Colo tocou na água, o jovem casal desapareceu entre borbulhões altíssimos de espuma, sem que mais ninguém o tornasse a ver.

A rainha disse, então, a Béli-Loba:

– Já te podes vingar dos seus irmãos. Toma essa cabaça cheia de água dotada de novo poder.

Béli-Loba recebeu-a com respeito e dirigiu-se, com ela, para a aldeia dos irmãos. Em Cútu-Baba, tropeçou ao pé do imenso capinzal sagrado de Dam-Lara. Vasta lagoa se espraiou, num momento, no sítio em que, da cabaça, caiu uma gota de água.

Foi com surpresa que os irmãos o viram chegar à aldeia. A surpresa foi maior quando, mostrando-lhes a água da cabaça, lhes disse:

– Daqui em diante, nem no rigor do verão voltará a haver falta de água. Vai aparecer uma fonte grande e nova que nunca se há de secar. É preciso que façam, primeiro, uma festa em que todos tomem parte e dure dias.

– Os irmãos mandaram rufar todos os tambores da região e soprar todos os chifres, convidando toda a gente a associar-se à festa de preparação para o aparecimento de nova fonte. A festa duraria sete dias e sete noites.

Na primeira noite, homens e mulheres, em grandes rodas, dançaram, freneticamente, ao ritmo dos seus cânticos que atroavam os ares. Se o entusiasmo afrouxou, um tanto durante o dia, recrudescu na segunda noite. A abundância de carne e de tuaca²⁰ mantinha a orgia em maré alta. É o que Béli-Loba queria. Só assim lhe foi possível levar o beiro que

²⁰ Espécie de vinho branco fornecido por uma palmeira chamada Acadiro.

fizera e conservara escondido. A bebedeira contínua dos irmãos facilitou a execução do seu plano. Colocou um pilão no meio da casa *lúlic* e sobre ele o respectivo pau, em posição horizontal. Pendurou, dum lado, a cabaça com a água que trouxera de Cor-Lúli-Bau-Sai, do outro, ossos dos búfalos abatidos. Já era a sétima noite da festa, que estava no auge. Como Béli-Loba previra, os cães atiraram-se aos ossos, disputando-os, com fúria, em ruidoso tumulto. A cabaça caiu. Derramou-se a água, por completo. A terra tremeu. Rasgou-se, numa grande extensão, com tremendo estampido. As ondas do mar invadiram, em tropel, a fenda imensa. Antes de a terra se abrir Béli-Loba saltara para o beiro com a mulher e o irmão Ica-Bi, o único dos seis que não lhe fizera mal algum. Milhares de pessoas morreram no turbilhão das ondas. Poucos conseguiram fugir, a tempo, para Balibó e Atabai. Béli-Loba dirigiu o beiro para Lóes. Daí subiu para Vátu-Boro e, mais tarde, para Gugueur – terras de Maubara. Fixou-se, finalmente, em Ádi-Goa-Nu’u-Láran. Como dera a filha ao primogênito da rainha, teve outra de nome Loro-Lacateu, de cujos filhos, Cári-Mau e Leto-Mau, descendem os habitantes de Mânu-Sa’e, na Hatolia, para os quais esta é, e talvez ainda continue a ser, por muito tempo, a mais verídica das histórias.hhhh

Considerações a respeito de alguns aspectos fundamentais da cultura timorense

Ao longo da narrativa, nas quatro passagens em que há menção ao número sete, confirma-se a valoração do sétimo elemento, símbolo da perfeição, da valentia e do poder:

Teve sete filhos. Seis ocupavam-se nos trabalhos da horta. Béli-Loba, o mais novo, preferia dar-se à caça, apesar de os pais não gostarem; Volta para Quíli-Bai e faz lá sete currais cujo tamanho vá aumentando, gradualmente, de modo que o sétimo seja o maior; Quando já só faltava um grão, o maior de todos os búfalos entrou no sétimo curral. Os seus longos chifres roçaram, com estrondo, na entrada. Os sete currais estremeram [e] Já era a sétima noite da festa, que estava no auge. (...). A cabaça caiu. (...). As ondas do mar invadiram, em tropel, a fenda imensa.

O número sete simboliza “um ciclo completo, uma perfeição di-

nâmica”.²¹ Na cultura tradicional Kemak, sete é o número de excelência, representativo na concretização de algo para a realização dos cerimoniais preparados pelo grupo.

De acordo com pesquisa realizada por Pascoal, nos estilos, cerimoniais, dedicados aos *lulics* ou aos *matabian* (os mortos), oferecem-lhes, sempre, sete rodela de areca, sete folhas de bétel e sete cestinhos contendo arroz, milho ou carne. Sete espigas de milho ou sete maçarocas de arroz oferecidas aos *lulics* ou *rai na'in* (senhor da terra), depois da colheita desses cereais. Só sete dias depois do parto, reúnem-se os membros da família para colocar as secundinas sobre uma árvore ou bambu, junto da casa. São sete as vezes que o *mátan dóok* varre, com uma folha de bétel ou casca de bambu (*kêno tafî*, em mambáe), a pessoa que o chamou para o limpar da causa maléfica da doença que o aflige. O *mátan dóok* conta até sete, antes de cortar um pedaço de pau (*taua úlun*, em mambáe, cabo de machado) sobre o qual racha pecíolos de bananeira e, às vezes, atira, primeiro, ao ar, três grãos de arroz, dizendo: *Ama cai têul* (três paus), e quatro ao chão, dizendo: *Ama cai fat* (quatro paus). Os três paus acima são considerados bons e os quatro abaixo, maus.²²

São eventos que encerram uma fase, um ciclo no interior da comunidade, para que outro novo acontecimento se suceda.

Visto que o sétimo elemento da família também era dado a não obedecer às tarefas diárias solicitadas pelos pais, como punição, a mãe preparou-lhe uma refeição com fezes por debaixo da comida. Esse acontecimento repercutiu como sinal de desprezo, uma vez que os pais não o consideravam mais um ente importante da família. A atitude tomada pelos pais com o filho, no início da narrativa, causou a separação entre os membros, ou seja, a harmonia familiar foi quebrada.

Tal rompimento de laços familiares tão fortes, segundo a tradição do grupo étnico daquele clã, traria, no futuro, alguma consequência negativa para os envolvidos daquela geração. Para que o mal causado fosse reparado, no caso de alguma contradição entre os familiares, ou

²¹ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos símbolos*, Lisboa: Editora Teorema, 1982, p. 603.

²² Pascoal, *A alma de Timor*, p. 132.

seja, pais e filhos, seria necessário pedir penitências ou desculpas através de cerimônias rituais, para que não surgissem desastres ou doenças, como castigo dos antepassados ligados diretamente àquela linhagem.

Depois de ter sido expulso de casa, Bíli-Loba, ainda que gostasse de caçar, teve de aprender a cultivar hortaliças, no caso areca e bétel. O trabalho diário de Bíli-Loba lhe rendia boas produções de duas espécies de ervas importantes na cura da rainha enferma e na aproximação do protagonista daqueles que seriam seus benfeitores.

Segundo os usos e os costumes da comunidade Kemak, areca e bétel são mascarados pelas pessoas do grupo, porque favorecem a higiene bucal, combatem o cheiro indesejado proveniente da boca e conservam os dentes. Outro hábito muito comum entre os da comunidade Kemak consiste em um anfitrião honrar o seu hóspede com a oferta de uma *mama fatín*, “cestinho feito de folhas de palmeira”, contendo areca e bétel, em sinal de respeito e como símbolo de amizade.

O primeiro evento que envolveu a aproximação de Bíli-Loba com a rainha, *ná'in feto*, e seu esposo, *liurai*, estava relacionado com a pescaria feita no mar. Na narrativa *Bé Malai*, a rainha transmuta-se em peixe grande e acaba com o anzol de Bíli-Loba enroscado na garganta.

Segundo o que é proposto por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, muitas vezes, para algumas culturas, o peixe, por mergulhar e viver em águas inferiores, um mundo subterrâneo desconhecido, pode ser considerado como desencadeador de confusão e de desarmonia futura entre os envolvidos.²³ Levando-se em conta essa referência, pode-se dizer que, nessa narrativa, o peixe criou um problema e perturbou uma possível ordem, contribuindo para que, em um futuro não muito distante, um evento indesejável viesse a acontecer na comunidade daquele local: a recompensa concedida a Bíli-Loba, por ter extraído o anzol da garganta da rainha, transfigurada em peixe na ocasião, alimentou a discórdia entre os irmãos de uma mesma geração, culminando na tragédia da invasão das águas que deu origem a *Bé-Malai*.

No episódio da retirada do anzol de Bíli-Loba da garganta da

²³ Chevalier e Gheerbrant, *Dicionário dos símbolos*, p. 608.

ná'in fetó, o protagonista mostra-se astuto ao apontar o espinho da palapeira, espécie de palmeira, como responsável pelo sofrimento da rainha, e não o anzol de sua vara de pescar.

Como sinal de agradecimento, depois dos mimos de arroz com leite, o liurai e a rainha pediram a Béli-Loba que construísse sozinho sete currais, com o último sendo o maior de todos para receber a vultosa quantidade de búfalos que lhe seria concedida.

Segundo a tradição da comunidade Kemak, pode-se dizer que a passagem que retrata o oferecimento de arroz com leite pela rainha é uma prática local realizada entre os da comunidade. Ofertar arroz é considerado um ato simbólico de amizade e união. A comunidade local dá oferendas feitas de arroz inteiro aos crocodilos, por os considerar ancestrais diretamente ligados às tradições do grupo.

Como não havia a presença de búfalos em Quíli-Bai para a produção de leite, esse passaria a ser produzido na região, assim que Béli-Loba realizasse as tarefas (construção dos sete currais e a confecção de dois grandes cestos de acadiro), solicitadas pelo liurai e pela rainha do mar, e enchesse de feijões os cestos de acadiro, confeccionados com o seu trabalho. Após a chegada dos búfalos, os cestos e os feijões deveriam ser guardados como sagrados. Possivelmente, esse acontecimento presente na narrativa explica a tradição da comunidade Kemak em ser fiel aos objetos deixados pelos seus antepassados, como *belak* e *mortén*, guardando-os em um cesto designado *lúlic*.

Habitualmente, em cada casa sagrada da comunidade, é comum o uso de cestos na guarda de objetos *lúlics* dos antepassados, e esses não podem ser utilizados sem a autorização dos anciãos e antes da realização de uma cerimônia ritual para pedir licença aos ancestrais.

Segundo referência de Pascoal, são considerados *lúlics* os objetos que tenham pertencido à pessoa, especialmente estimada, famosa ou temida, ou que estejam ligados a algum acontecimento raro. São guardados, com temeroso respeito, na casa de quem os possui, ou, então, na *uma lúlic* – espécie de santuário – da aldeia ou da região. Só lhes pode tocar o indivíduo que for disso incumbido – o *lúlic-nain* – a quem compete oferecer ao antepassado morto, em certas ocasiões, comida, areca e bétel, porque o consideram dotado de estranhos poderes,

e convém, portanto, apaziguá-los para não causar, ele próprio, males, ou, ainda, para que impeça que outros seres, dotados de iguais poderes, os produzam.²⁴

Bíli-Loba era, constantemente, convocado a executar tarefas que exigiam dedicação e obediência ao liurai e à rainha. Em nenhum momento, demonstrou desânimo e estava sempre disposto a cumprir o que lhe era pedido. A partir desse comportamento, Bíli-Loba mostrou sinal de reverência e de comprometimento com seus benfeitores, pertencentes a um outro reino.

Entre os antigos reinos de Timor Leste, e, ainda hoje, em certas comunidades, era comum a troca de produtos e de favores. Não foram raras as ocasiões em que um reino se aproximou de outro, a ele se aliou ou o conquistou, estabelecendo-se, assim, relações comerciais, formação de novos parentescos, constituição de novos territórios, aumento das riquezas dos clãs, da incorporação de aspectos e de elementos da outra cultura, etc.

Os búfalos que apareceram em Quíli-Bai, procedentes do clã da rainha e do liurai, ilustram a situação de agradecimento de um grupo a outro.

Atualmente, os búfalos são sacrificados em estilo, cerimônia ou festa tradicional, segundo usos e costumes de cada região. Para os Kemak do subdistrito de Atabae, os búfalos são elementos de trabalho, empregados para lavrar e pisar em terreno submerso destinado ao arrozal; são utilizados no barlaque como dote nupcial, oferecido pelo noivo à família da futura esposa e também podem ser venerados pela comunidade numa cerimônia ritual designada *hasa barau oen*, em Kemak, lavagem dos pés do búfalo, em que, após a preparação de campos para a sementeira do arroz, abatem-se porcos e cabritos, por acreditar que se deve pedir desculpas ao búfalo por ter sido utilizado nessa função.

Ruy Cinatti e Victor Santa, citados por Antônio de Almeida, destacam que os búfalos também são sacrificados em estilos de certa categoria; os Becais de Balibó e os Quémaques de Atabai, conselho de Bobonaro, quando da pescaria, anualmente realizada em *Bé-Malai*, costumam abater um desses animais, um deles na forma adulta e um porco

²⁴ Pascoal, *A alma de Timor*, p. 132.

corpulento, para que a cerimônia ritual favoreça a captura de muitos peixes e impeça o ataque dos crocodilos que, por ventura, aí vivam.²⁵

Essa cerimônia ritual não só é realizada na comemoração feita em *Bé-Malai*, pois, caso não aconteça chuva na época certa, os anciãos farão a mesma cerimônia ritual na fonte sagrada de Corlúli, em Maliana, origem de *Bé-Malai*, para que chova em abundância.

A extorsão promovida pelos irmãos invejosos e inescrupulosos de Bíli-Loba acarretará outra mudança na ordem, momentaneamente, estabelecida.

Diante da indignação e da revolta com a atitude dos irmãos, Bíli-Loba pede ajuda novamente aos seus benfeitores. Contudo, dessa vez, teria de construir um beiro e autorizar sua única filha a se casar com o primogênito da rainha, que morava na fonte sagrada de Corlúli.

Para irem à fonte, todos se transformaram em crocodilos, à exceção de Bíli-Loba. Entre os Kemak de Aidabaleten, o crocodilo é um animal que a comunidade teme e respeita, pois é considerado avô, espécie de ancestral e, normalmente, é adorado, sendo-lhe dadas oferendas. Segundo a crença daquela comunidade, o crocodilo aparece como *bé na'in*, dono da água de *Bé-Malai*, que, em sinal de respeito, é adorado, sendo-lhe oferecidos animais, como búfalos e porcos, e arroz cru inteiro, em sinal de harmonia com o antepassado.

A comunidade local chama o crocodilo por *Tata-Mai-Lau*, avô mais velho, porque uma das ancestrais da comunidade (a filha mais velha de Bíli-Loba) casou-se com o crocodilo, dono da água da fonte sagrada de Corlúli.

Quando chegaram à fonte, a rainha apresentou seu filho e pediu a Bíli-Loba que para, no próximo encontro, trouxesse a sua filha legítima para se casar com o rapaz. Ele comunicou o pedido da rainha à esposa Nona Bica. No entanto, ela não aceitou a solicitação.

De acordo com a tradição Kemak, a rejeição de Nona-Bica, em relação ao casamento da filha legítima Colo com o filho da rainha, pode

²⁵ Ruy Cinatti e Victor Santa, *apud* Antônio de Almeida, *O oriente de expressão portuguesa*, Lisboa: Editora Fundação Oriente, 1994, pp. 493-4.

ser entendida pelo fato de o casamento não ser realizado entre pessoas da mesma linhagem. A quebra da tradição ofenderia os antepassados que, certamente, puniriam a comunidade.

A tradição do casamento entre pessoas do mesmo clã era respeitada naquele momento, porque, de acordo com a narrativa recolhida, o nome da mulher de Bíli-Loba também era semelhante ao da mãe dele, “Nona-Bica”, o que explica a relação de parentesco entre eles.

Os pais valorizavam e respeitavam o casamento “incesto”, ou seja, a união entre filhos cruzados da mesma geração, *tunangan*, para que os bens acumulados, ao longo do tempo, ficassem entre os da família, e, assim, quando os pais do marido estivessem velhos, a nora cuidaria deles e a fidelidade entre o casal permaneceria sólida.

Bíli-Loba e a esposa, Nona-Bica, tentaram enganar a rainha, levando a criada Bau, reluzente de brincos e pulseiras de prata e de ouro, vistosos cordões de mutissala, no lugar da filha legítima Colo.

Em relação aos adornos que Bau utilizou na ida à fonte de Corlúli, pode-se afirmar que tal atitude tinha o objetivo de prender a atenção do príncipe, para que não desconfiasse de que aquela não era a filha legítima de Bíli-Loba. Normalmente, eles são muito valorizados pela comunidade de Atabae e utilizados como dote para a futura nora, que os deve exibir no dia do casamento.

Os adornos na tradição dos Kemak são oferecidos pelo noivo. Porém a moça, para receber o noivo, se pode adornar com aquilo que tem, e, perante os familiares, tira os seus e usa os do noivo, no caso de haver a troca de prendas. As doações do barlaque, dote timorense, também feitas por meio de adornos, são as partes destinadas aos pais e aos *nai-ulun*, os irmãos da mãe da noiva.

De acordo com o trabalho de Almeida, há informações que confirmam que os adornos ostentados pelas figuras antropomórficas de Timor-Leste eram fabricados pelos Quêmaques, grupo etnolinguístico do ocidente do território, os grandes artífices da joalheria timorense, porventura recebida com as velhas culturas chinesa ou hindu.²⁶

²⁶ De Almeida, *O oriente de expressão portuguesa*, pp. 493-4.

Apesar da tentativa de oferecer Bau, a fraude foi descoberta, pois a água da fonte sagrada não se ergueu em altos cachões de espuma, conforme previra a rainha.

No dia seguinte, a contragosto da esposa, Béli-Loba levou a sua filha legítima à fonte localizada em Maliana, vestida esplendorosamente e ricamente adornada. Assim que tocou na água da fonte, ela e o jovem desapareceram entre os borbulhões de água.

Após cumprir a promessa de trazer a filha Colo para se unir ao filho da rainha, Béli-Loba, já de posse da cabaça de água dotada de poderes, recebeu as instruções da rainha e dirigiu-se com o utensílio sagrado para a aldeia dos irmãos, lugar onde *Bé-Malai* apareceria.

Ele relata os poderes daquela água, mas comunica a necessidade de uma comemoração que envolvesse toda a comunidade em um festejo preparatório de sete dias e sete noites, para que a fonte de água surgisse.

Com o plano contra os irmãos arquitetado, Béli-Loba aproveita-se da bebedeira sem fim dos mesmos e põe em prática o que já estava traçado. Como uma espécie de armadilha, armou um pilão no meio da casa *lúlic* e, sobre o mesmo, um pau em posição horizontal. Pendurou, de um lado, a cabaça com água que trouxera da fonte sagrada de Corlúli e, do outro, ossos de búfalos abatidos.

Entre os Kemak, o pilão é um material utilizado para moer milho e outros alimentos da refeição familiar. Habitualmente, cada família possui um pilão e um pau para triturar o milho, ou seja, esse material é como as “mamas” de uma mãe que amamenta os seus filhos. Quando Béli-Loba guardou o pilão no meio da casa sagrada e, sobre ele, um respectivo pau em posição horizontal (representação de uma balança), isto apontava o seu desejo de justiça. Pretendia que os anciãos realizassem uma reconciliação entre os irmãos do mesmo clã, mas eles não compreenderam o seu pedido. A água da cabaça pendurada na *uma lúlic* era considerada sagrada e simbolizava a união em família. Se ela fosse derramada causaria, certamente, danos. Já os ossos dos búfalos abatidos simbolizavam o dilema e a fraqueza das autoridades locais em resolver os problemas que os irmãos causaram a Béli-Loba.

Na cultura Kemak, cada casa sagrada guarda água especial, destinada a algumas cerimônias rituais e à cura de doenças, provocadas

pela perturbação de espíritos malignos. Assim que os cães da aldeia se atiraram aos ossos dos búfalos, a cabaça caiu e a água do seu interior se espalhou pela terra por completo, iniciando-se a invasão furiosa do mar, lavando e levando tudo o que encontrava pela frente. A atitude indesejável dos cães e a agitação já eram sinais de que algo não estava bem naquela família. Era uma mostra de que alguma perturbação maior aconteceria.

Habitualmente, entre os Kemak, o cão é considerado amigo do homem. Geralmente, todas as famílias o têm em casa, e ele acompanha o dono à horta, mas, na narrativa, o animal não seria o companheiro fiel, uma vez que fora responsável por dar início ao que seria o fim, a destruição necessária para um novo recomeço.

Bíli-Loba conseguiu fugir com a esposa e o irmão Ica-Bi, que nunca lhe havia feito mal algum, usando o beiro que havia construído às escondidas. Esse tipo de embarcação, até os dias atuais, é usado pelos moradores locais e de outras comunidades, convidadas para a festividade de *Bé-Malai*. Muitos chegam de beiro no dia da cerimônia ritual.

Milhares de pessoas morreram e as que conseguiram escapar se separaram, indo algumas para Atabae e outras para Balibó, o que explica o fato de, hoje em dia, muitos dos de Balibó solicitarem a posse da lagoa, acarretando desentendimentos e disputas entre as comunidades.

Dessa forma, a comunidade de Balibó tem o mesmo direito que a de Atabae de possuir a lagoa *Bé-Malai*. A disputa que tem ocorrido, até a presente data, entre os subdistritos de Balibó e Atabae acerca da posse de *Bé-Malai*, se dá devido à separação entre os da comunidade na época da invasão das águas do mar.

Após a invasão das águas do mar, Bíli-Loba e a esposa fixaram-se, finalmente, em Ádi-Goa-Nu'u-Laran, e lá tiveram outra filha chamada *Loro-Lacateu*. *Loro*, em Tétum, significa sol, e *Lacateu* é o nome de um passarinho. Ela gerou filhos chamados *Cári-Mau* e *Leto-Mau*, que, hoje em dia, são os ancestrais dos habitantes de Mânua-Sa'e, subdistrito de Hatolia, Ermera. Os habitantes de Mânua-Sa'e conhecem o mito e respeitam-no, porém não reclamam a posse da lagoa, porque fazem parte da geração ligada à filha de Bíli-Loba.

Conforme a cultura local dessa comunidade, somente são obtidos os bens herdados dos antepassados por parte de pai, sistema conhecido

como patrilinear. Portanto, os filhos de Loro-Locateu não tinham direito de herdar as propriedades de seu avô Bíli-Loba. Os da comunidade de Manusa'e também não comem carne de crocodilo, e há alguma semelhança entre os aspectos culturais dos de Balibó e dos de Atabae.

Enfim, o desfecho do mito *Bé-Malai* é a explicação de quais são as consequências para a comunidade daquele local, quando não são resolvidos os problemas familiares entre os membros da comunidade. Esse dilúvio foi um castigo dos antepassados pela presença de contradições na família.

Segundo a cultura kemak, quando houver algum problema entre os irmãos, ou seja, pais e filhos têm de resolver, imediatamente, o impasse, para que não suceda algum problema familiar no futuro. O ritual realizado “no pé” da lagoa *Bé-Malai*, para pedir perdão e restaurar a união entre os de Balibó e Atabae, explica muito da tradição.

Apesar das diferenças e das disputas, assim como aconteceu antigamente entre Bíli-Loba e os irmãos, eles precisam valorizar a paz e a união na família, pois todos continuam herdeiros do mesmo antepassado.

A título de conclusão

Conforme a versão analisada,²⁷ a narrativa mitológica está fortemente presente na memória da comunidade local, e muitos elementos do passado têm por função sustentar o presente, garantindo as bases culturais e ritualísticas dos diferentes grupos.

Assim, a sociedade etnolinguística Kemak de Atabae prestigia a crença profunda no mito acerca da posse da lagoa *Bé-Malai*.

²⁷ É importante mencionar que a versão recolhida e registrada por padre Ezequiel E. Pascoal é vista pela comunidade de Bobonaro como uma outra versão do mito sobre *Bé-Malai*. A versão contada pelo ancião de Atabae apresentava as mesmas personagens, os mesmos cenários, as mesmas ações e intrigas, porém a questão da posse administrativa da lagoa era diferente. Ainda que outras versões apareçam, os de Atabae creem no mito materializado pela versão oral, narrada uma vez por ano nos rituais de cheia e que reúne os de Atabae e Balibó. A escrita é compreendida pelo ancião como um recurso que possibilita às gerações futuras rememorar as origens dos antepassados, e, aos de fora, entender o funcionamento social e cultural do grupo etnolinguístico Kemak, mas o mito somente faz sentido e é coerente quando todos estão reunidos diante da lagoa cheia e repleto de vida.

Com base na narrativa analisada, pôde-se concluir que o mito *Bé-Malai* desempenha várias funções, tais como:

- registro da origem de uma lagoa que estabelece o início de um novo recomeço e fortalece os vínculos da comunidade com os ancestrais, os antepassados da condição humana do grupo;
- a necessidade da celebração ritual que pede perdão aos antepassados reconhece o desacordo presente entre indivíduos de uma mesma linhagem e prima pela reaproximação de grupos originários do ancestral comum e a reconciliação entre a comunidade;
- a demonstração de valores culturais de respeito à família e à ética, que merecem ser repassados à geração vindoura.

A partir da crença presente na comunidade local sobre o sagrado das fontes de água que possuem donos, segundo o mito, estabelece-se a importância da preservação dos recursos naturais, especialmente da floresta onde é proibido cortar a vegetação a sua volta.

Dessa forma, o mito é considerado a lei tradicional que orienta a vida cotidiana dos grupos étnicos que o celebram.

Texto recebido em 23 de junho de 2010 e aprovado em 16 de maio de 2011

Resumo

Neste artigo, pretende-se apresentar e analisar a narrativa mitológica conhecida como *Bé-Malai* e quais são os aspectos fundamentais reguladores das atitudes cotidianas do grupo Kemak, da comunidade Aidabaleten, de Timor-Leste, retratados no mito em questão. Do ponto de vista metodológico, procurou-se explorar e verificar de que maneira o texto mitológico apresenta e explica a origem do clã, aponta quais são os fenômenos naturais e as práticas sociais e culturais dos antepassados, ainda realizadas no contexto atual. A partir da análise, verificou-se que o mito assume papel de crença religiosa no meio da comunidade kemak de Atabae, que o preserva, mantendo-o operativo por meio das cerimônias rituais, segundo as orientações dos antepassados. O benefício deste estudo considerou que a narrativa mitológica é capaz de proporcionar conhecimento da tradição cultural à geração futura, de tal forma que a herança esteja fortemente enraizada na memória dos jovens, embora cresçam e vivam em um mundo globalizado.

Palavras-chave: Timor-Leste – Kemak – Mito – Rito – *Bé-Malai*

Abstract

This article seeks to present and analyze the mythological narrative known as Bé-Malai, considering it to be a key regulator of the daily attitudes of the Kemak group in the Aidabaleten community in East Timor, described in this myth. From a methodological view, we attempted to explore how the mythological text presents and explains the clan's origins, identifying natural phenomena and ancestral socio-cultural practices still practiced in the present context. Our analysis reveals that the myth functions as a religious belief system in the Kemak community of Atabae. The myth is actively preserved through rituals, with guidance from the ancestors. The findings of this study show that the knowledge of cultural traditions embedded in mythological narratives can be transmitted to future generations, keeping roots heritage alive in the memory of today's youth, although they have come of age and live in a globalized world.

Keywords: East Timor – Kemak – Myth – Rite – *Bé-Malai*